

III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA UEG

DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA: EXPERIÊNCIA DO PIBID-UFG-JATAÍ COM O USO DE IMAGEM E DESENHO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Eduardo Assis Carvalho¹

Universidade Federal de Goiás

Jataí, Goiás, Brasil

mr.carvalho_14@hotmail.com

Marcos Roberto França da Silva²

Universidade Federal de Goiás

Jataí, Goiás, Brasil

tentisu@hotmail.com

Eduardo de Moraes Andrade³

Universidade Federal de Goiás

Jataí, Goiás, Brasil

edu-m-a@hotmail.com

Resumo: Essa comunicação discorrerá sobre alguns resultados já esboçados por meio de uma atividade desenvolvida no PIBID do curso de História da UFG/Jataí – na escola-campo Escola Municipal Professor Luziano Dias – tendo como proposta/experiência o uso de imagens e a atividade do desenho no ensino de História do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II. A imagem está claramente presente em nosso cotidiano, e se bem utilizada, pode ser uma eficaz ferramenta de ensino à disposição do professor. Nesse sentido, foi realizada uma atividade de confecção de um mural, utilizando dos desenhos produzidos pelos alunos e recortes de imagens encontradas em revistas. O objetivo do trabalho foi o de desenvolver um diálogo dos estudantes com os conteúdos, por via das representações que eles faziam dos temas estudados utilizando da linguagem iconográfica. O mural (localizado no pátio da escola) faz parte da “cultura escolar”, sendo uma ferramenta de ensino-aprendizagem bastante requisitada, sendo assim, seu uso pode se tornar uma ferramenta útil no ensino de História através da união dos quesitos “criatividade” e “historicidade”. Assim, o mural se constitui como uma ferramenta com a qual pode-se “escapar um pouco” do tradicional ensino em sala de aula, dialogando com outras linguagens além do livro didático, possibilitando a

¹ Graduando – UFG/CAJ – bolsista PIBID – Jataí - Goiás – Brasil.

² Graduando – UFG/CAJ – Jataí - Goiás – Brasil - bolsista PIBID.

³ Mestrando UFG - Ex-bolsista PIBID – Jataí - Goiás – Brasil.

construção/problematização/interpretação dos conteúdos estudados. Os resultados desta atividade se materializam nas representações dos alunos em seu próprio desenho, na sua curiosidade em conceber os detalhes e buscar os significados, ou mesmo no que “inconscientemente” é apresentado em sua arte. Essa prática aproxima o estudante do conteúdo de História, mostrando que esse conhecimento também faz parte de construções e cujas imagens, como representações, também lhes servem como fontes.

Palavras-chave: Ensino. História. Desenho. Imagens.

Introdução

Após as primeiras experiências realizadas pelo projeto PIBID História UFG-Jataí, escrevemos esse artigo como relato de experiência em que apresentamos uma das atividades realizadas na escola campo – Escola Municipal Professor Luziano Dias –, o *mural história em imagens*. Percebemos as possibilidades de inovação no trabalho do professor de História, na medida em que o projeto PIBID se constitui como espaço contínuo de pesquisa na licenciatura. Para a realização desta e das demais atividades do nosso grupo PIBID, nos pautamos na utilização de linguagens diferenciadas no ensino de História que permitem escapar um pouco do tradicional quadro-giz e driblar os desafios diários que se encontram no ambiente escolar, mas que para nós, não corresponde ao “grande limitador” de uma prática de ensino que construa autonomias.

O relato de experiência sobre a confecção do mural *história em imagens* nos permite uma análise sobre o modo específico do uso da linguagem iconográfica, o que nos faz compreender os desafios e as possibilidades para a utilização de imagens e da atividade do desenho como instrumentos pedagógicos no ensino de história. Esses recursos fazem parte do universo de possibilidades do “ofício” do professor. Como a imagem está presente em nosso cotidiano, e desse modo, constitui-se como uma das diversas linguagens da nossa sociedade, é interessante utilizarmos a mesma de uma forma que possibilite a construção de conhecimentos interpretativos e, portanto, faça com que o aluno desenvolva-se com um indivíduo crítico.

A partir das propostas de Bittencourt (2008), Schmidt (2008) e outros pesquisadores, pensamos a metodologia de confecção do mural, cujo resultado foi exposto no pátio da escola. Com isso, objetivamos tornar possível que os “sujeitos da aprendizagem” – toda a comunidade escolar, e em especial os alunos – refletissem sobre a história como uma construção da qual todas as pessoas fazem parte. Portanto, para que seja permitido aos alunos,

por sua vez – na condição de produtores dos desenhos e idealizadores de um tipo de interpretação –, a possibilidade de também ser enxergarem como parte dessa construção, como sujeitos históricos que “vivem” e “produzem” a História.

Desafios e possibilidades: “desenhando” uma nova história

Nossa sociedade atual tem, cada vez mais, lançado novos desafios e questionamentos à educação, e consequentemente, para o ensino de História. Com a tecnologia de ponta que inova a cada ano, novos produtos e possibilidades surgem para serem utilizados no ensino em sala de aula. Se torna mais comum a popularização de aparelhos celulares com múltiplas funções, bombardeando informações, imagens e vídeos a todo o momento para os consumidores. E na atualidade, vivemos uma rotina rápida e muita das vezes estressante, no qual a imagem se destaca por passar uma maior quantidade de informações em menos tempo⁴. Também vivemos em uma realidade escolar diferente, no qual a maioria das escolas públicas são inversas às novidades tecnológicas inseridas em sua contemporaneidade. Escolas em estado precário e professores cansados da rotina e recebendo baixos salários. Nas palavras de Kodato:

Você já prestou atenção às vozes, às mímicas, aos burburinhos, às expressões faciais, aos gestos espontâneos que emergem na trama de relações sociais, em sala de aula? Que espaço conflituoso é esse, hein? Não lhe sugere algo como uma mostra de teatro pantomímico saraivado de paradoxos, no interior do Quixeramobim? Ou será que se assemelha mais a uma missa de Sétimo Dia, com salva de festim, na favela do Cantagalo? Gooooool! E já reparou na surpreendente diversidade de caras feias e pálidas, caretas, risadas e muita cutucação? Da uma inculcação danada, não é? (KODATO, 2011, p. 09).

Talvez Kodato se simpatiza em relatar os mínimos detalhes, mas entrar em uma sala de aula é muito das vezes (se não sempre) um grande desafio. Lidar com alunos com realidades sociais bem distintas, saber aplicar o conteúdo e ainda, corresponder às exigências que veem de todos os lados, seja da coordenação, dos pais ou dos alunos, não é nada fácil e demanda do professor um grande preparo para corresponder a tais situações. Mesmo assim, “estamos empenhados em compreender os processos de representação do mundo e do conhecimento na escola e produzir sentidos para a nossa vivência escolar” (KODATO, 2011,

⁴ Essas reflexões fazemos com base no artigo de Coelho (2008) intitulado *A percepção da sociedade visual: As imagens no ensino de história*.

p. 16). Portanto, o professor está inserido no meio em que se permeia as “tramas das relações sociais” concretizadas na (ou incididas sobre a) escola, e nesse sentido deve buscar meios para superar esses desafios, fazendo o uso de novas ferramentas ou linguagens de ensino em sala de aula.

A partir dessa perspectiva o PIBID acaba sendo um auxiliador para o graduando bolsista, pois permite que o mesmo entre em contato com a realidade escolar logo no início do processo de formação. O projeto, diante de suas orientações e metas, garante a liberdade de desenvolver atividades que contemplem as diversas linguagens de ensino. Isso remete ao desenvolvimento de pesquisas sobre a docência, que por sua vez, implica na experimentação de metodologias e recursos diferenciados de ensino que somam na formação dos alunos do ensino básico, e ao mesmo tempo, do graduando como futuro professor. A atividade que relatamos aqui, consiste num dos primeiros idealizados e realizadas no projeto, tendo sido desenvolvida ainda em fins de 2012. Nesse período até hoje, o projeto já sofreu algumas mudanças quanto aos bolsistas e a forma de realizar e trabalhar o projeto na escola.

A atividade contemplou o uso da linguagem iconográfica em sala de aula, visualizando as possibilidades do seu uso no ensino de história, visto que essa linguagem se encontra inserida no nosso cotidiano, através dos signos imagéticos contidos nos aparelhos celulares ou mesmo na TV, nos computadores, *outdoors*, folders e etc. Ao frequentarmos ao banheiro de um restaurante ou de outros ambientes públicos, percebemos que os símbolos imagéticos definem qual é o masculino e qual é o feminino, e desse modo nos orientamos sem a necessidade de outra legenda. A mesma influência das “imagens” também são percebidas no nosso desejo em comprar um produto, pois sua estampa nos *outdoors* ou nos *merchandisings* da internet ou da televisão são largamente sedutoras. Até mesmo aquele filme de terror que nos assusta por mais de uma semana, sua imagem interage conosco a partir de nossas percepções. Portanto a imagem é universal, é uma forma de linguagem com a qual vivemos e partir da qual direcionamo-nos também. Portanto segundo Coelho, vivemos em uma sociedade imagética.

Mas é certo que toda imagem carrega a sua ideologia⁵, a de quem a produziu, do contexto onde foi feita, e por quem a mandou construir. Por isso é necessário que o expectador tenha um mínimo de senso crítico para saber distinguir quais as “cargas históricas” que incidem sobre a imagem ou quais as intencionalidades da mesma, pois segundo Coelho (2008, p. 03) “quando não temos acesso às informações corremos o perigo de tomar por

⁵ Cf. Bittencourt (2008).

verdade algumas convenções sociais, portanto a informação ante a pintura que queremos analisar é um fator deveras importante”. Não apenas nas pinturas, mas também no enorme leque de objetos que denominamos de “imagens”.⁶

Essa análise acaba sendo importante no nosso dia à dia, já que somos expostos e bombardeados por inúmeras imagens, cada uma possuindo diferentes finalidades. Por esse motivo, se torna interessante a problematização da imagem em sala de aula, pois ajuda na construção do senso crítico nos alunos. Portanto, a imagem consiste em uma grande possibilidade como ferramenta no ensino de história, mas, ao mesmo tempo, o professor deve possuir um método de análise, para que os alunos não se percam nos discursos contidos no texto do livro didático ou em nas legendas das imagens. Sejam essas vindas dos livros didáticos, ou trazidas pelos alunos a pedido do professor, ou imagens contidas na escola mesmo. É necessário que o professor constitua um modo para usar a imagem, desnudando-a dessas influências e permitindo uma leitura somente da própria.⁷

Segundo Bittencourt (2008), a análise é composta por duas fases principais. Na primeira fase, deve-se isolar a imagem de qualquer conteúdo escrito, seja a sua legenda ou os textos que se referem à mesma e iniciar uma problematização, buscando saber o que a imagem fala pro si própria. Após essa parte o professor deve junto com os alunos observar a legenda, fazendo perguntas do tipo “*Quem produziu a imagem?*” “*Qual o intuito de quem a produziu?*” “*Por que ela foi produzida?*”, mas ter sempre em mente que mesmo as legendas podem estar equivocadas e que o livro didático, por exemplo, pretende passar outro sentido para a imagem analisada. Portanto o professor deve ficar atento com os vários pontos de vistas que se podem encontrar.

Com a utilização da análise proposta por Bittencourt (2008), o professor tem a possibilidade de trabalhar a imagem em sala de aula, ou até fora da mesma, propondo uma atividade que fuja do tradicional forma de ensinar. Este foi o caso da atividade que propomos e desenvolvemos, cujo resultado final se concretizou na construção de um mural que empregou o uso de recorte de imagens históricas que se somaram aos desenhos produzidos pelos próprios alunos.

Ocorreu todo uma construção metodológica para a construção do mural, pois, seu resultado não deveria constituir apenas em um agregado de imagens e desenhos. Seus ornamentos conferiam um sentido histórico através das imagens e dos recortes feitos sobre as cartolinhas que afixam os desenhos. A criatividade estava alinhada à percepção do sentido

⁶ Trecho escrito com base em Coelho (2008).

⁷ Cf. Bittencourt (2008).

histórico das imagens, e o desenho produzido nas aulas de história possibilitou uma maior exploração de detalhes constitutivos dos conteúdos – uma forma de também interpretar a história. Nesse sentido, buscamos a participação dos alunos em uma atividade que permitiu a eles a construção do conhecimento histórico em sala de aula⁸.

Produção do mural *História em Imagens*: construção de conhecimentos

Realizamos uma atividade que consistiu na elaboração de um mural em que foram utilizados desenhos produzidos pelos alunos das turmas do 6º ao 9º ano da escola campo – Escola Municipal Professor Luziano Dias – e também foram utilizados diversos recortes de imagens históricas retiradas de revistas e jornais. É necessário pontuarmos que a atividade foi desenvolvida em duas etapas. Primeiro, a produção dos desenhos durante uma das aulas de cada turma, em que os mesmos se relacionavam com os conteúdos das séries respectivas de seus autores – Pré-História, Egito Antigo, Idade Média, Revolução Francesa e Revolução Industrial. Segundo, foi realizada a montagem do mural pelos bolsistas que utilizaram dos recortes e dos desenhos confeccionados. Por fim, houve o momento de apreciação do painel pelos alunos, que foi onde pudemos explorar o significado dessas linguagens para a história através das percepções dos próprios alunos.

Durante as aulas de história, o conteúdo foi o grande inspirador dos desenhos. Dentro das temáticas, e aproveitando do próprio recurso do livro didático, a professora supervisora utilizou da aula para que os alunos pudessem expressar o conteúdo por meio de outra linguagem: *o desenho*. Na realidade, essa atividade representou o “início” do uso da linguagem iconográfica em nossas experiências do PIBID, então, nos pautamos em revelar aos alunos uma nova forma de se expressar. Com o desenho, o aluno experimentaria da “autonomia”⁹ de representar elementos do conteúdo de história estudado, mesmo que estes passassem pela mediação da professora supervisora.

A etapa da produção do desenho permitiu aquilo que Bittencourt (2004) e Schimdt (2004) tanto enfatizam: despertar o interesse dos alunos para uma disciplina que não é uma das mais cobiçadas pelos alunos. Eles, mesmo reproduzindo as figuras do livro didático, se atentaram para os detalhes das mesmas e tiveram sua “curiosidade” atiçada acerca do sentido de elementos bem específicos. Qual o significado do castelo na Idade Média? Para que serviam as pinturas rupestres? E Chaplin e a Revolução Industrial, qual o nexo? [...] Temos aí

⁸ Trecho construído sob o abalizado teórico de Schimdt (2004) e Bittencourt (2008).

⁹ Conceito empregado por Freire (1996).

algumas das interrogações que surgiram em torno das figuras que eram representadas. Na época, constatamos que tudo isso se consolidou em um bom começo para intensificarmos em futuras atividades o uso das imagens a partir de outros recursos.... e assim estamos fazendo agora!

Com os desenhos produzidos, foi a vez de providenciarmos o mural. Como consistiu na primeira vez em que adotávamos essa “cultura”, optamos por nós mesmos realizarmos a confecção de um material que impressionasse os alunos. O mural foi construído pelos bolsistas do projeto em uma lousa que está localizada no pátio da escola, sendo a “criatividade”, a base para que pudéssemos trabalhar com as imagens históricas e com os desenhos produzidos pelos alunos. As bordas foram decoradas com as imagens históricas recortadas das revistas e dos jornais que em sua especificidade reproduzem diversas iconografias: pinturas, esculturas, desenhos, personagens históricos, fotos antigas, imagens de objetos que carregam simbologia, etc.

No centro foram colados os desenhos que os alunos criaram, dispostos em uma cartolina de fundo que, ao mesmo tempo em que serve de suporte de fixação e “elemento decorativo”, proporciona um diálogo com os desenhos. As cartolinhas foram recortadas tomando formas que dialogavam com os temas centrais de cada agrupamento de desenhos. No mesmo sentido, o resto de toda a “decoração do mural” foi pensando com o propósito de estabelecer sentidos e nexos com os conteúdos. Quanto à disposição dos desenhos na totalidade do mural, como o mesmo destinava à produção de vários temas e de várias séries, fixamos todos os desenhos em grupos temáticos. Por exemplo, logo embaixo do mural foram coladas as representações criadas sobre o conteúdo da Pré-História. As imagens a seguir permitem a visualização de todos os elementos que constituíram o mural, bem como seus elementos “decorativos” que objetivam articular com os conteúdos e com a representação da iconografia para a história.

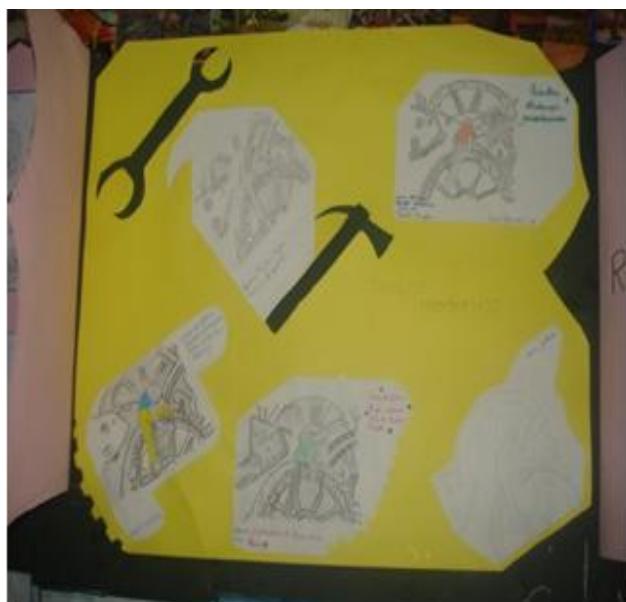


Imagen 1 – Detalhes do Mural: imagem do acervo fotográfico do PIBID-História UFG/CAJ



Imagen 2 – Detalhes do Mural: imagem do acervo fotográfico do PIBID-História UFG/CAJ



Imagen 3 – Detalhes do mural: imagem do acervo fotográfico do PIBID-História UFG/CAJ.

O mural faz parte da “cultura escolar”, servindo como expositor de materiais confeccionados por professores e alunos. A lousa que é ornamentada constantemente – e a partir de atividades que fazem parte do cotidiano da escola – se localiza em um local movimentado, onde existe a circulação de pessoas que param para contemplar a “arte” do que é exposto. Como foi dito anteriormente, a escola está inserida na conjuntura do mundo moderno, no qual a rotina transcorre em uma velocidade acelerada. O cotidiano da escola também se consolida desse modo, aula que duram apenas cinquenta minutos, professores que correm para a sala seguinte durante a troca de horário, funcionários cuidando da limpeza, além do tráfego de outros sujeitos que de alguma forma participam do “ambiente escolar”, como pais e funcionários públicos que periodicamente vão à escola desenvolver suas respectivas funções. Dentro desse rotina acelerada, esses sujeitos ainda param para olhar as produções da escola. A imagem é atraente, e mesmo no curto espaço de tempo, permite percepções e passam alguns conhecimentos.¹⁰

Haja vista essa também essa “acelerada” rotina escolar, na confecção do mural tivemos o objetivo de criar algo que “chamassem a atenção”, fizesse com que os sujeitos da aprendizagem – professores, alunos e todo corpo de funcionários da escola – tivessem curiosidade para saber o sentido de cada detalhe. O impacto causado pelo mural seria um dos incentivos para que os alunos se empenha-se na criação de elementos criativos e, ao mesmo tempo, associados ao conhecimento.

Nas imagens 1, 2 e 3, podemos visualizar os detalhes chamativos da “obra”: os recortes em formatos de martelo e engrenagens, onde foram inseridos os desenhos que tinham como tema a Revolução Industrial, ou então os desenhos atribuídos ao tema da Revolução Francesa inseridas na “moldura” de um quadro, representando o luxo da nobreza francesa do século XVIII, também um pergaminho inserido no meio do mural, representando a criação do papel feito de papiro pelos egípcios. Na imagem 4 percebemos o conjunto da obra, com todos os elementos agregados em uma “arte” que deveria chamar a atenção pela aparência, e principalmente, pelo sentido conferido ao conjunto de seus elementos: cada detalhe, uma referência à algum evento histórico, cada parte a representação imagética dos vestígios do passado, de certo modo, imortalizados na iconografia – e as imagens, uma forma diferente de olharmos para o passado, olhar através de outro tipo de “representação”¹¹ que nos dão total permissão para esse feito.

¹⁰ Reflexões que fazemos com base em Coelho (2008).

¹¹ Imagens como uma representação do passado, um olhar de quem as produziu, assim como o historiador que também representa o passado (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007).



Imagen 4 – Totalidade do mural: imagem do acervo fotográfico do PIBID-História UFG/CAJ.

Portanto, a elaboração do mural teve como critérios a *criatividade* e a *historicidade*. Criatividade que veio desde os desenhos elaborados pelos alunos, que tiveram “liberdade” ao criar suas próprias representações. Claro que não foram criados de forma aleatória, mas, houve antes todo um processo de aprendizagem do conteúdo, onde está inserida a historicidade. Logo após, os alunos realizaram seus desenhos e deixaram transbordar o conhecimento construído através de outras representações no qual tiveram acesso – filmes, imagens, jogos eletrônicos, etc. – e que não necessariamente foram disponibilizados pela escola ou pelo professor. Houve a liberdade na construção do conhecimento através dessas representações, consistindo naquilo que Freire (1996) pontua: a liberdade para que seja aproveitada a carga subjetiva dos alunos no processo ensino-aprendizagem.

Dessa forma a história passa a fazer sentido aos alunos, que começam a compreender que seus desenhos constituem uma forma de interagir com a história à qual eles também pertencem. O uso do desenho e da linguagem iconográfica nesse tipo de atividade, auxilia à “construção” do conhecimento histórico e permite aproximação dos alunos à História. No desenho, ocorre a mescla das realidades históricas com a realidade dos alunos através das interações de seu inconsciente¹², e isso permite uma relação entre os conhecimentos já subjetivados com os conteúdos trabalhados. Então, é este o objetivo, o de fazer com que o

¹² Afirmamos isso com base em Rancière (2009).

conteúdo de história se torne atraente e, além disso, faça sentido, seja próximo ao aluno¹³. Que seja permitida a construção de uma “consciência histórica”¹⁴, no qual os alunos se percebam inseridos na história, e isso inclui fazer deles autores de suas próprias representações, que por sua vez, carrega os traços de sua concepção, ainda em construção, acerca da realidade social histórica e também de seu tempo presente.

Considerações Finais

Assim, a partir da experiência do projeto PIBID, percebemos a possibilidade de utilizar a imagem em sala de aula e o modo como utilizá-la, explorando um bom aproveitamento de todo o seu potencial enquanto linguagem e representação. Tanto a imagem como o desenho são representações do tempo em que foi produzido, sofrendo influências do seu meio originário e das subjetividades de seu produtor¹⁵. O desenho – cuja experiência relatamos – possibilitou um diálogo dos alunos com o conteúdo, em que foi possível percebermos a “curiosidade”, instigada pela atividade diferenciada de ensino que levou à tona o senso crítico – em consonância com o que afirma Paulo Freire (1996) acerca do processo que culmina na construção da “autonomia” em sala de aula.

Foi notória a preeminência dos alunos no envolvimento com o mural e com todo o processo de fabricação, mostrando que o trabalho com imagens pode sim ser útil no ensino de História. Ao término da atividade, nos ocorreu a importância de envolver os alunos em atividades extraclasse, fugindo um pouco do tradicional “quadro e giz” em que estão acostumados. Este mural, apesar de ter sido confeccionado pelos bolsistas usando de produções dos alunos, revelou a importância do envolvimento dos alunos na parte criativa de todas as etapas. Então, o mesmo permaneceu como um exemplo também instigador para as futuras atividades, cuja participação do aluno em todo o processo é importante. Isso tudo têm um fundamento maior: envolver os alunos na construção do próprio saber, possibilitando a crítica, a interpretação do próprio universo em que vivem.

O professor do ensino básico necessita buscar novas ferramentas e explorar novas possibilidades para se ensinar História, e de alguma forma, encaminhar os “sentidos para a vivência escolar” (KODATO, 2011, p. 16). Tudo isso é válido para mostrar que a História é uma disciplina que vai além do fato de simplesmente decorar datas ou “marcos históricos”

¹³ Cf. Bittencourt (2004) e Schmidt (2008).

¹⁴ Cf. Schmidt (2008).

¹⁵ Cf. Bittencourt (2004).

que aparentemente nada tem a ver com o aluno. A história é acima de tudo uma construção, uma “prática social” (PROST, 2012), no qual está sujeita a várias interpretações, a várias visões. Os alunos, ao construir o conhecimento histórico em sala de aula, percebem o caráter representativo da história abrindo leques para a diversidade de sujeitos e histórias. Desse modo, eles podem estabelecer suas próprias relações com seu aprendizado e com seu cotidiano, assim, se aproximando da História e se enxergando dentro dela. É por esse caminho que seguimos...

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história.* Bauru, SP: Edusc, 2007.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos.* São Paulo: Cortez, 2004.
- COELHO, Thiago da Silva. *A percepção da sociedade visual: as imagens no ensino de história.* Anais eletrônicos do V Seminário Estadual Arte na Educação. Disponível em <http://www.gedest.unesc.net/seilacs/historia_tiagocoelho.pdf> Acesso em: 28 ago. 2013.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KODATO, Sérgio. *O Brasil Fugiu da escola: motivação, criatividade e sentido para a vida escolar.* São Paulo: Butterfly Editora, 2011.
- PROST, Antoine. *Doze Lições Sobre a História.* 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. *O inconsciente estético.* Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo, 2009.
- SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. As fontes históricas e o ensino de história. In: *Ensinar História.* São Paulo: Scipione, 2004.